

UMA REFLEXÃO SOBRE A CRÍTICA DE NIETZSCHE À RAZÃO E AO NIILISMO

A REFLECTION ON NIETZSCHE'S CRITICISM OF REASON AND NIILISM

Clodoaldo da Luz¹

Resumo: O ser humano é levado pela sua razão a negação de si mesmo e a consequente perda total de sentido de sua própria existência. Essa é a consideração de Nietzsche acerca da razão e do niilismo. Por isso, o presente artigo tem por objetivo tecer uma reflexão acerca da crítica nietzschiana à razão e ao niilismo. Utilizando, para tanto, alguns fragmentos das obras e de alguns apontamentos dos cadernos de Nietzsche. Desse modo, em primeiro lugar, investigar-se-á como a razão, rebelando-se contra o seu ideal instrumental de garantir a sobrevivência humana, leva o ser humano à negação de si, ao niilismo, instigando nele a vontade de servilizar; para depois, num segundo passo, será apresentado como a busca pela paz pode ser desvirtuada, a fim de atingir fins bélicos propostos na vontade de dominar; por fim, será elucidado o surgimento de uma inesperada solução para a crise alimentícia provinda do fito beligerante inscrito na vontade de dominar.

Palavras-chave: Nietzsche. Razão. Niilismo. Vontade De Dominar.

Abstract: The human being is led by his reason to deny himself and the consequent total loss of the meaning of his own existence. This is Nietzsche's account of reason and of nihilism. For this reason, this article aims to reflect on Nietzsche's critique of reason and nihilism. Using, for that, some fragments of works and some notes from Nietzsche's notebooks. Thus, in the first place, it will be investigated how reason, rebelling against its instrumental ideal of guaranteeing human survival, leads human beings to self-denial, to nihilism, instilling in them the will to be servile; for later then, in a second step, it will be presented how the search for peace can be distorted, in order to achieve warlike ends proposed in the will to dominate; finally, the emergence of an unexpected solution to the food crisis arising from the belligerent purpose inscribed in the will to dominate will be elucidated.

Keywords: Nietzsche. Reason. Nihilism. Will To Dominate.

1. Introdução

A racionalidade é aspecto e não a totalidade do que é o ser humano. Reduzir a vida ao racional é escamotear a instintividade, a qual é dimensão fundamental do ser humano. Com efeito, a razão não apreende a totalidade humana e tampouco sara as dores e as angústias dilacerantes do ser humano. Entregar-se à racionalidade não solucionou a demanda contemporânea, visto que fome, guerra, peste e morte perfazem a história humana.

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: clodoaldoluz@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2619-0909>.

Desse modo, o ser humano, como animal racional, ao usar a régua da razão para medir a realidade, desemboca numa pura representação onírica e depreciativa da realidade. Onírica porque enreda a humanidade numa arbitrária convencionalidade construída pelo ser humano e, portanto, não coincidente com a realidade em si. Depreciativa pelo fato de negar o fundamental aspecto animalesco-instintivo da humanidade.

A importância concedida à razão mais desumanizou do que alicerçou o ser humano, impregnando o niilismo como característica marcante e fundante da historicidade, mormente a contemporaneidade humana.

Aliás, ao primar pela negação da vida, o niilismo assume uma condição de dramaticidade para o hoje, porque traz consigo uma perda de sentido cuja ‘verdades de outrora’ tem sua importância nocauteada. A racionalidade, tendo descartada a validade desses arrimos, faz o ser humano sentir e viver a decadência.

Nesse sentido, tudo que se opõe aos valores da existência instintiva e biológica do ser humano é decadente. Sob esse viés, “Nietzsche, o filósofo da suspeita²”, ao criticar a cultura socrática platônica cristã e pontuar que o Cristianismo tem grande responsabilidade na situação pandêmica niilista vivenciada pelo ser humano, crítica também a racionalidade, pois é através da razão que o ser humano aceita e crê no que arbitrariamente é convencionalizado e lhe é proposto.

Nessa esteira, “a crítica nietzschiana do niilismo é, então, não simplesmente uma crítica do Cristianismo, mas também uma crítica da razão³”. À luz dessa asserção e da constatação de a razão, ao extrapolar a sua real função, nega a integralidade da vida ao ser humano, o presente artigo tem por objetivo tecer uma consideração acerca da crítica nietzschiana à razão e ao niilismo utilizando alguns fragmentos das obras publicadas de Nietzsche e alguns apontamentos dos seus cadernos.

Tendo ciência que a importância desses rascunhos e anotações dos cadernos de Nietzsche deve ser relativizada pelos seguintes fatos: 1) porque tais apontamentos são oriundos de uma obra espúria, não original e somente póstuma de Nietzsche; 2) por isso, sendo um texto não devidamente burilado e finalizado por Nietzsche e, assim, compostos por ideias isoladas que Nietzsche redigira em seu caderno pessoal, o qual, devido a sua enfermidade, ficara em posse de sua irmã, Elisabeth Förster-Nietzsche; 3) a

² (Julião *apud* Carvalho; Frezzatti Júnior, 2015, p. 405).

³ (Weller 2011, p. 31, tradução nossa). No original: “The Nietzschean critique of nihilism is, then, not simply a critique of Christianity, but also a critique of reason”.

qual, seguramente, ao publicar postumamente tais apontamentos de Nietzsche, fizera algumas interpolações (ajustes que ela considerava necessários). Contudo, tais apontamentos possuem uma importância não desprezível na reflexão de Nietzsche acerca do niilismo, visto que 1) semelhantes apontamentos foram redigidos pelo próprio Nietzsche e, conseqüentemente, 2) em alguma medida constituem, senão ideias interligadas, ao menos sua percepção sobre o niilismo. Além do mais, “Nietzsche vê o niilismo como um fenômeno do século XIX, então há muito nesses mesmos cadernos para sustentar a visão de que ele localiza seu advento nas origens do pensamento ocidental⁴”

Destarte, primeiramente, se verá como a razão, ao se rebelar contra a sua originária função, leva o ser humano à negação do imprescindível âmbito de sua existência, a saber, a sua instintividade, e à vontade servilizar, de se assenhorar sobre tudo, dirimindo as particularidades; depois, será refletido como a vontade de dominar, inscrita na vontade de poder, ao macular a busca pela paz, conseguiu atingir finalidades bélicas; e por fim, será investigada a paradoxal situação da descoberta de uma inesperada solução para a crise alimentícia no declarado propósito beligerante da vontade de dominar.

2. Vontade de servilizar

O instinto de sobrevivência é o mais forte que se inscreve nos animais. Por isso, cada animal possui algum mecanismo de proteção (camuflagem, veneno, garra, chifre, agilidade, velocidade, etc.). O ser humano, na condição de animal racional, não é diferente. Ou seja, a necessidade de sobreviver o faz ter uma ‘arma’ que o auxilie nessa necessidade. Visto que no ensaio nietzschiano⁵ *Sobre a verdade e mentira o sentido extra-moral*, escrito em 1873, a racionalidade, apanágio do ser humano, constitui a grande ferramenta para a preservação humana.

Pela característica de ser animal gregário, de rebanho, o ser humano, ao pressentir a necessidade de conviver com seus pares, estabelece, de forma arbitrária, o que é ou não verdadeiro para que, em uma convencionalidade, consiga se sobressair perante a flora e a fauna, da qual faz parte. Nesse afã, suprime as distinções presentes na

⁴ (Weller, 2011, p. 33, tradução nossa). No original: “Nietzsche sees nihilism as a nineteenth-century phenomenon, so there is much in those same notebooks to support the view that he locates its advent in the origins of Western thought”.

⁵ (Nietzsche *apud* Marçal, 2009, p. 531).

realidade para igualar os desiguais por meio do ato de conceituar: “Todo conceito nasce por igualação do desigual. Assim como é certo que nunca uma folha é inteiramente igual a outra, é certo que o conceito de folha é formado por arbitrário abandono dessas diferenças individuais⁶”.

A uniformidade, sob esse viés, configura-se em um aspecto não desprezível da racionalidade humana. Por seu turno, com isso elementos fundamentais da existência humana são secundarizados: a instintividade, a riqueza individual e a originalidade pessoal. Pois tudo deve convergir para um fim em nome da sobrevivência, mesmo que isso represente escamotear o aspecto instintivo da humanidade e seus corolários.

Concomitantemente ao abandono das individualidades, há a desvalorização da instintividade e a, conseqüente, entronização da razão. Isto porque,

Segundo Nietzsche, conforme se pode verificar no pequeno ensaio, a ilusão e a dissimulação, que são como as formas como o intelecto atua para a conservação dos indivíduos, é que os levou àquela sobrevalorização da razão. Para o filósofo também, a opção do homem pela verdade, procurando conferir a ela bases seguras de sustentação por meio do intelecto, não se dá por um valor epistemológico que a diferencie da mentira, até porque as verdades se mostram um tanto quanto provisórias, mas por motivos fisiológicos. É por necessidade de segurança, de um homem que optou por viver em comunidade, que a verdade ganhou preferência sobre a mentira, pois o homem, segundo ele, ambiciona as conseqüências agradáveis da verdade e não ela mesma. Acreditar na verdade, assim como acreditar que os conceitos são fórmulas fixas para exprimir uma suposta realidade e que eles podem ser avaliados por sua equivalência com as coisas ou com as ideias, oferece uma segurança maior para o homem do que o seu contrário⁷.

Em nome da sobrevivência e olvidando a real função da racionalidade, o ser humano confere uma hierarquização na qual a verdade, arbitrariamente convencionalizada, atinge o mais alto posto em detrimento daquilo que é tachado de mentira. A conseqüência disto é a desvalorização do que se contrapõe ao verdadeiro estabelecido pelo ser humano e da prevalência da dimensão cognitiva humana em detrimento da sua instintividade. Disso decorre a negação de si mesmo. Isto porque a instintividade represada volta-se para o ser humano, conforme Nietzsche expõe na *Segunda dissertação da genealogia da moral* (a qual faz parte do livro *A genealogia da moral*:

⁶ (Nietzsche *apud* Marçal, 2009, p. 534-535).

⁷ (Paschoal *apud* Marçal, 2009, p. 526-527).

uma polêmica, escrito em escrita em 1887): “Todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro - isto é o que chamo de interiorização do homem⁸”.

A repressão da instintividade, ao imprimir a negação de um âmbito fundamental do ser humano, leva-o a desaguar no nada, em um niilismo no qual a particularidade e a originalidade inscritas em cada ser humano sejam postas em xeque pela convencionalidade e arbitrariedade presentes na subsistência humana oferecida pela razão.

Na obra *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*, escrita em 1872 e reeditada em 1886, Nietzsche pontua que com Sócrates a representação ilusória, maquinada pelo homem por intermédio da razão, tem seu marco divisor: “Veio ao mundo pela primeira vez na pessoa de Sócrates – aquela inabalável fé de que o pensar, pelo fio condutor da causalidade, atinge até os abismos mais profundos do ser e que o pensar está em condições não só de conhecê-lo, mas inclusive de *corrigi-lo*⁹”.

Crer piamente numa ilusória capacidade de a razão de desvelar a realidade ao ser humano e de conduzi-lo em segurança teve o seu florescimento com o pensamento filosófico de Sócrates. Consequentemente, o esquecimento da verdadeira função da cognição ao ser humano – de instrumental para a sua sobrevivência – atingiu um alto patamar e marcou decisivamente a existência da humanidade.

Ademais, nesse livro, *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*, “Nietzsche localiza o nascimento da modernidade na emergência do ‘homem teórico’ como a contra-figura do homem criativo / artístico. O homem teórico, sintetizado por Sócrates, coloca toda a sua fé na razão, na possibilidade do conhecimento e na verdade¹⁰”.

Ao fazê-lo, confiar inteiramente na racionalidade, o ser humano inverte os papéis: delega o seu protagonismo para a razão, assumindo, dessa forma, a função de coadjuvante, outrora concedido à razão, de sua própria existência. Assim, ao invés de a razão estar a serviço do ser humano, conforme era a ideia original, é o homem que se põe, inexplicável e depreciativamente, à mercê da racionalidade.

⁸ (Nietzsche, 2009, p. 31).

⁹ (Nietzsche, 1992, p. 93, grifo nosso).

¹⁰ (Weller 2011, p. 155, tradução nossa). No original: “Nietzsche locates the birth of modernity in the emergence of ‘theoretical man’ as the counter-figure to creative/artistic man. Theoretical man, epitomized by Socrates, places all his faith in reason, in the possibility of knowledge, and in truth”.

Com a Modernidade tal panorama se acentuou, porque “a fé iluminista na razão estava baseada na crença de que a razão poderia justificar todas as verdades essenciais do senso comum, da moralidade e da religião¹¹”.

Tudo passa impreterivelmente pelo crivo da razão e a ela está subordinado. Os ditames norteadores da existência do ser humano passam a ser mensurados por um mundo meramente ilusório. Sob esse viés é oportuno a seguinte citação do respectivo apontamento nietzschiano, extraído de sua obra póstuma de Nietzsche, *Vontade de Poder* (publicado pela irmã de Nietzsche em 1906, seis anos depois do falecimento do filósofo):

Resultado: a crença nas categorias da razão é a causa do niilismo, – nós medíamos o valor do mundo em categorias que diziam respeito a um mundo puramente fictício [...]. Trata-se sempre ainda da ingenuidade hiperbólica do homem: o [colocar]-se, ele mesmo, como sentido e critério de valor das coisas¹².

A razão, ao guiar o ser humano, visa aliená-lo a pensar que a realidade se molda segundo o seu consentimento. Embutido nesse propósito, advém o desejo de colocar a realidade aos seus pés, ou seja, o desejo de servilizar. A fantasia de atinar que está se assenhorando do seu entorno, acarreta ao ser humano o ímpeto de tudo conceituar. Visto que somente o conhecido pode ser dominado.

Com efeito, no referido apontamento de Nietzsche, a razão tem uma considerável parcela de responsabilidade na constituição do niilismo como doença, problematização e característica da historicidade moderna do ser humano. Haja vista que o empoderamento da racionalidade, operado pelo ser humano, implica na negação de si mesmo, ao aprisionar sua instintividade na criação de um mundo irreal decorado com traços de cognição.

Nesse processo de negação de si e de construção de uma realidade onírica e depreciativa, o ser humano manifesta sua vontade de servilizar, assenhorando-se do seu entorno. Para tanto, visa conceituar todas as coisas, pois somente é possível tomar posse, subordinar e transformar em subalterno o que é conhecido. Isto porque, o desconhecido incomoda e amedronta.

¹¹ (Beiser, 1987, p. 46, tradução nossa). No original: “The *Aufklärung*’s faith in reason was based on the belief that reason could justify all the essential truths of common sense, morality, and religion”.

¹² (Nietzsche, 2011, p. 33).

Perante tal desejo, até mesmo o niilismo é alvo de conceituação humana, em uma tentativa de domesticar tal característica e patologia inscrita na existência do ser humano. Assim, diversas são as definições acerca do niilismo.

Eis uma delas: Niilismo deriva da palavra *nihil*, a qual significa nada¹³. Nessa definição aponta-se para o niilismo como sendo o nada. Assim, o homem busca o nada, do que o nada buscar. Mirando algo que lhe é extrínseco que não se encontra em sua realidade.

Outra conceituação sobre o niilismo considera-o como “uma situação de desnortamento provocado pela falta de referências tradicionais, ou seja, dos valores e ideais que representavam uma resposta aos porquês e, como tais, iluminavam a caminhada humana¹⁴”. Segundo essa ponderação, a perda dos referenciais desemboca no niilismo. Esse, como traz a conceituação, na condição de desorientação, empurra o homem à descrença de si e ao apagamento dos luzeiros cuja missão era de guiá-lo em sua existência.

Numa proposta de não conceituar, senão de visualizar a insistente e incômoda presença do niilismo, na obra *Fragments posthumes: Automne 1885 - automne 1887*, também publicada em 1906 pela irmã de Nietzsche, há o seguinte apontamento nietzschiano: “O niilismo está diante da nossa porta: de onde vem este que é o mais inquietante de todos os hóspedes?¹⁵”.

O designativo de indesejado e persistente hóspede atribuído ao niilismo no referido apontamento indica a marcante característica niilista da sociedade de agora. Na qual o ser humano movido pela razão insiste em querer mesmo que isso o possa levar ao nada, conforme traz Nietzsche no seguinte fragmento da *Terceira Dissertação da Genealogia da Moral* (que também faz parte da obra *A genealogia da moral: uma polêmica*, escrita em 1887): “ele precisa de um objetivo e preferirá ainda querer o nada a nada querer” (NIETZSCHE, 2009 p. 37).

O fato de não possuir qualquer meta desassossega o ser humano, a ponto desse preferir motivações que deságuam na desvalorização da vida e, de forma conseqüente, na negação de si mesmo. Assim, desembocando no nada, perpetuando, deste modo, a característica niilista como emblema da historicidade humana.

¹³ (Ferreira, 1997, p. 766, grifo do autor).

¹⁴ (Volpi, 1999, p. 8).

¹⁵ (Nietzsche, 1978, p. 129). No original: “Le nihilisme est devant la porte: d’où nous vient ce plus inquiétant de tous les hôtes?”.

Semelhante atributo que perfaz, sobretudo a contemporaneidade, pode ser elucidado em dois momentos ímpares do século XX, os quais trazem consigo a possibilidade de retratar a ânsia do ser humano de nada querer na vontade de dominar, a qual usa a paz como instrumental para a sua consolidação.

3. A paz como meio para a vontade de dominar

A vontade de dominar, inscrita no ser humano e capitaneada pela razão, consegue aproveitar toda a ocasião para se sobrepor a toda finalidade orquestrada pela humanidade. Um caso emblemático dessa imposição é o avião. O engenheiro brasileiro, Alberto Santos Dumont, dispensou grandes esforços para a criação desse meio de transporte.

Segundo Hoffman (2010), Dumont, embora soubesse do risco da aerostação, nutria um profundo entusiasmo pela possibilidade de o homem ‘voar’. Por isso, mesmo ciente de toda a dificuldade desse seu ideal, ele pretendia inventar uma tecnologia que revolucionaria os meios de transporte e promoveria a paz mundial. Em 19 de outubro de 1901, saindo de sua garagem-oficina, que ficava na sede do Aeroclube da França, Dumont alcançou seu sonho de ‘voar’, ao circunavegar a torre Eiffel em sua aeronave. A sua primeira meta se realizou durante sua vida. Atualmente, o avião é o principal meio de transporte de longa distância. Só nos Estados Unidos da América decolam mais de 90.700 voos diários. E no Brasil 157 aviões tem como destino semanal a Europa. A viagem de avião de São Paulo a Paris é estimada em 11 horas. Tal percurso de navio e trem durava mais de uma semana na época de Dumont. Contudo, seu objetivo de contribuir para a paz mundial não fora totalmente exitoso. Isto porque, apesar de encurtar as distâncias e possibilitar o transporte aéreo de alimentos, como num exemplo hipotético de ocorrer um terremoto em El Salvador, a ajuda humanitária de avião levando alimentos de Londres a esse país, acometido por essa tragédia natural, poderia levar de 4 a 5 horas de voo. Não obstante, a aviação militar causou diversas mortes durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e vários conflitos dos séculos XX e XXI. Destarte, o avião, considerado como o primeiro grande invento do século XX transformou-se no temor do século XXI.

O trabalho de Dumont tinha como mote ‘fazer a diferença’ em nome da paz e da comodidade do ser humano, a fim de estreitar as distâncias e promover a solidariedade entre os pares. Contudo, o seu ideal originário fora desvirtuado, a sua paixão tornara-se

combustível para satisfazer a vontade de dominar impregnada no ser humano. Pois, sua grande criação se tornaria instrumento beligerante e divisor.

Assim, temeroso que o avião poderia se tornar uma arma de destruição em massa, o que de fato infelizmente se concretizou com os eventos beligerantes da Primeira Guerra Mundial, Dumont foi o primeiro aeronauta a manifestar o seu repúdio à ideia da militarização das aeronaves. Pela recusa de Orville Wright¹⁶ (Wilbur já tinha falecido nesse período) de fazer coro ao seu apelo, junto aos líderes de Estado, para desativar as suas bombas, Dumont pode ser considerado como a voz solitária pedindo a paz¹⁷.

O incessante pedido de paz fora abafado em prol do poder, da desvalorização da vida e do ímpeto de dominar. A razão, com toda sua majestosa autoridade concedida pelo ser humano, em nome da sobrevivência da humanidade, faz o ser humano optar pela ilusão de que as demais pessoas não devam ser valoradas. O nada acaba se tornando a fictícia importância dos demais, as quais na vontade de dominar são degraus ao poder.

Na data de 23 de julho de 1932, após saber que as tropas federais estavam bombardeando os paulistas e escutar um avião bombardeando um alvo perto de onde estava, Dumont, aos 59 anos, pôs fim a sua vida. O ascensorista, Olympio Peres Munhóz, depois do termo da existência de Dumont, ainda recordava que o pesar de Alberto era de que sua invenção, o avião, tinha causado o derramamento de sangue entre os irmãos¹⁸.

A colheita da vida de Dumont expressa bem o mergulhar no nada e a perda de sentido ocasionados por uma existência edificada em uma racionalidade que visa cada vez mais poder e dominação. Nesse panorama, “a desorientação niilista é consequência da frustração dessa necessidade: o ser humano precisa que sua existência tenha propósito ou sentido, mas ela se mostra numa sucessão inútil de eventos¹⁹”.

Seguramente, Dumont, ao perceber que o seu grande êxito resultou em um instrumento de destruição e morte, sentiu-se vazio e um nada perante o excruciante e o beligerante uso do seu legado. Decerto, nesse perceber-se oco e anulado, a sensação de

¹⁶ Os irmãos estadunidenses Orville Wright e Wilbur Wright, juntamente com Alberto Santos Dumont, são considerados os pioneiros da aviação (Hoffman, 2010, p. 10).

¹⁷ (Hoffman, 2010, p. 11).

¹⁸ (Hoffman, 2010, p. 178).

¹⁹ (Reginster, 2008, p. 27). No original: “Nihilistic disorientation is a consequence of the frustration of that need: human beings need for their existence to have purpose or meaning, but it proves to be a pointless succession of events”.

inutilidade invadiu seus pensamentos, fazendo-a pensar que toda a sua dedicação fora um nada.

O exemplo de Dumont pode ser o retrato da força do niilismo, desse negar a si mesmo, mirado pelo homem sob os ditames da razão. Aliás, o sucesso e o fim de Dumont ilustram que o ser humano, em seu intrincado quebra-cabeça existencial, movido pela vontade de dominar, é capaz de desvirtuar o uso de uma invenção projetada para a paz num utensílio belicoso, deliberando maquinalmente, através de sua razão a estender o seu poder.

O processo de desvalorização da vida configura-se na reação adversa do amargo veneno administrado ao ser humano pela médica razão. Nesse panorama fica aludido que, de fato, à luz de um dos apontamentos de Nietzsche: “*Este mundo é a vontade de poder – e nada além disso!*”²⁰.

A existência do ser humano fica marcada e indelevelmente atrelada à satisfação dessa vontade de poder que traz invariavelmente a vontade de dominar. Tudo, até mesmo o distante ímpeto e empenho pela promoção da paz, fica subordinado ao afã de angariar mais e mais poder. Assim, nesse cenário de negação, inclinar-se para o nada, somente o que favorece a esse ímpeto do ser humano possui algum valor.

Com efeito, “a vontade de poder procura dominar e alargar incessantemente seu âmbito de poder”²¹. Simultaneamente, ao inserir conjuntamente com a vontade de poder, a de servilizar, a vontade de dominar, ao servir-se da paz como meio para seu escopo, assenhora-se das atitudes humanas, domesticando o ser humano e até mesmo anulando-o. Pois, visa induzir a humanidade a uma gradativa aniquilação, a guerra de todos contra todos. Nesse panorama, a vida não é valorada, porque, ao ter mitigado o seu valor, a existência da pessoa transforma-se em danos colaterais aceitáveis.

O ímpeto de busca pelo poder presente na vontade de dominar para satisfazer seu ideal acaba se adaptando e usando tudo que está à sua mercê. No contexto contemporâneo a tecnologia torna-se a ferramenta para o fito da vontade de dominar. Haja vista que os desejos inscritos no ser humano acabam sendo “aqueles manipulados pelas tecnologias, pela técnica, pelas últimas tendências”²².

A situação régia da razão e seus corolários, conforme visto no exemplo fatídico de Dumont, confirma a percepção de Nietzsche sobre a negação da existência do ser

²⁰ (Nietzsche, 2011, p. 513, grifo do autor).

²¹ (Müller-Lauter, 1997, p. 54).

²² (Heinen *apud* Carvalho; Frezzatti Júnior 2015, p. 423).

humano embutida na desvalorização das demais pessoas em prol da inesgotável busca e anseio pelo poder inscrita no ímpeto de dominar presente e exponenciada na contemporaneidade. Com efeito,

a experiência das Duas Grandes Guerras Mundiais ilustra bem o panorama daquilo que Nietzsche já anunciara, sobretudo, nos póstumos, com a insígnia de niilismo, como manifestação de crise, pessimismo, destruição, convulsão, como conflito de consciência jamais visto etc.²³.

Em meio a essa miscelânea de consequências desoladoras e negadoras da vida num ambiente histórico permeado por diversas situações beligerantes é também possível detectar um paradoxo, outro momento ímpar, mas que, inesperadamente, resultou decisivamente numa resolução amenizadora de um problema histórico e social da humanidade, a questão da produção alimentícia. Tal solução inesperada, surgida durante um fato bélico e inscrita na vontade de dominar, imprime uma paradoxal possibilidade de favorecer a vida apesar de se pretender a morte.

4. A inesperada solução existente na vontade de dominar

A promessa de atenuar a fome, dirimir a guerra, erradicar a peste e derrotar a morte proclamada pela razão, em decorrência da Revolução Industrial de 1769 e dos seus desdobramentos - os desenvolvimentos tecnológico e científico -, consistiu numa falácia, pois o que se viu fora o século XX ensanguentado e marcado como um período faminto de guerra, adoentado e viciado pelo extermínio.

Destarte,

o século XX, século do niilismo, abre-se com a morte de Nietzsche e com a crise de uma Razão que sucumbirá aos horrores de duas guerras mundiais, do fascismo e do nazismo, do Holocausto e de Auschwitz. O niilismo infiltra-se, encontra a projetualidade onipotente da ciência e da técnica, impregna a atmosfera cultural de toda uma época, transforma-se em uma 'categoria' fundamental no laboratório filosófico contemporâneo²⁴.

²³ (Julião Apud Carvalho; Frezzatti Júnior, 2015, p. 410).

²⁴ (Pecoraro, 2007, p. 7).

O complexo e iterativo cotidiano do ser humano contemporâneo, marcado pelos efeitos beligerantes das guerras que devastaram os primórdios do século XX, tem no nihilismo o seu elemento integral e constituinte que deprecia e nega o valor da vida.

Nessa esteira, o seguinte apontamento de Nietzsche expressa com exatidão a sensação que permeia a contemporaneidade do ser humano: “todo acontecimento é sem sentido e em vão²⁵”.

Tudo o que acontece debaixo do sol não possui sabor, interesse, até mesmo a existência do ser humano carece de conteúdo. Até mesmo na busca pelo poder, o falecimento é a tônica de uma realidade, na qual não é cumprido o compromisso assumido pela razão de garantir a sobrevivência da humanidade por meio da fartura, da paz, da saúde e da longevidade.

Assim, contrariamente ao seu propósito de salvaguardar a vida do ser humano, a razão deseja o poder, quer dominar e pretende assenhorar-se, conforme se nota no respectivo fragmento de Nietzsche:

Todo animal, portanto também *la bête philosophe* [besta filósofo], busca instintivamente um *optimum* de condições favoráveis em que possa expandir inteiramente a sua força e alcançar o seu máximo de sentimento de poder; todo animal, também instintivamente e com uma finura dos sentidos que está ‘acima de toda razão’, tem horror a toda espécie de intrusões e obstáculos que se colocam ou poderiam colocar-se em seu caminho para o *optimum* (- não falo do caminho para a ‘felicidade’, mas do caminho para o poder, para o ato, para a mais poderosa atividade, na maioria dos casos, realmente, seu caminho para a infelicidade)²⁶.

O instintivo afã de sobreviver faz o ser humano colocar toda sua esperança na razão, mesmo que isso represente a repressão da própria instintividade humana. Com isso, a busca do sentir-se pleno e realizado, a felicidade, não se encontra à disposição da pessoa, embora isso possa parecer, ao que tudo indica, o ideal do ser humano, o estar num estado de plena realização. Com efeito, o afã de exponenciar o seu poder traz o arrefecimento e a minoração da potencialidade da vida, mormente da existência do outro.

Aliás, o desânimo presente na contemporaneidade traz consigo a sensação de fim, de que a historicidade do ser humano está a um passo do seu termo. Porém, apesar da dilacerante realidade impingida na negação da vida e na desvalorização da existência

²⁵ (Nietzsche, 2011, p. 42).

²⁶ (Nietzsche, 2009, p. 41, grifo do autor).

alheia elucidadas, sobretudo, na Primeira Guerra Mundial e na Segunda Guerra Mundial que levaram aos horrores da morte e a uma percepção de finitude, o historiador egípcio Eric Hobsbawm na sua obra *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991* afirma que “a única generalização cem por cento segura sobre a história é aquela que diz que enquanto houver raça humana haverá história²⁷”.

Com efeito, entre tantos fatos transcorridos nesse século de hecatombes há um que, paradoxalmente, trouxe consigo uma eficaz solução para a demanda de exponenciar a produção alimentícia: a descoberta do cientista alemão Fritz Haber. Conjuntamente com Max Born – físico e matemático alemão –, Fritz Haber descobriu a síntese da amônia (gás incolor, composto por um átomo de nitrogênio e três átomos de hidrogênio). A descoberta de Haber e Born, conhecida também por ciclo de Born-Haber, possibilitou a produção de fertilizantes e explosivos. É estimado que atualmente cerca de 40% da população global tem sua produção de alimentos possibilitada por esse processo descoberto por Haber e Born. A descoberta de Max e Fritz, em meio a um crescimento populacional geométrico e a uma crescente aritmética dos alimentos, impulsionou o vertiginoso crescimento da produção alimentícia, ocasionando na possibilidade de amenizar a fome de milhões de pessoas. Pela potencialidade de sua descoberta Haber e Born amealharam o reconhecimento e obtiveram o Prêmio Nobel de Química em 1918. O sucesso do processo, que lhe rendeu o Nobel, fê-lo ser reconhecido como o homem que produzia o pão do ar. Conquanto possa ser merecidamente designada a ele a alcunha de produtor de pão através do ar, Haber fora um cientista que dedicou a sua vida visando a vitória alemã na Primeira Guerra Mundial. Portanto, sua descoberta da síntese da amônia, antes de ter um honrado propósito, tinha o afã de aumentar o poderio bélico alemão. O trabalho de Haber pôde ser visualizado nas fábricas de amônia que entregavam munições aos soldados alemães, durante a Primeira Guerra Mundial. Essas fábricas não mudaram o resultado da guerra, mas a prolongou por três anos, acumulando horror sobre horror. Isto se deu porque a equipe de manufatura usou o método Haber para produzir nitratos para explosivos e, em vez de acabar com a guerra a alongara. Mas inesperadamente, o fato de, durante a Primeira Guerra Mundial, o fertilizante mais popular da época estava se esgotando, pois os navios britânicos haviam bloqueado a importação de guano da América do Sul, fez com que Haber, juntamente com a empresa química alemã BASF e o jovem britânico

²⁷ (Hobsbawm, 1995, p. 14).

Robert Le Rossignol usasse o ciclo Born-Fritz para obter a síntese de amônia usando apenas hidrogênio e nitrogênio. Por isso, apesar de devidamente reconhecido por sua benesse ao mundo, Fritz tem também a alcunha de pai da guerra química. Paradoxalmente, fora devido a um fito bélico é que a inesperada solução de Haber, em relação a escassez de alimentos, pode chegar à mesa de muitas pessoas²⁸.

Milhões e milhões de vidas salvas pela paradoxal e inesperada solução da crise alimentícia provinda da vontade de dominar explicitada no contraditório feito laureado no Nobel de Química de 1918. O niilismo, nesse contexto, faz-se, intimamente, ligado e parasitário à realidade contemporânea do ser humano. Com efeito, é possível asseverar que

o pensamento de Nietzsche em toda a sua variabilidade aponta para um pensamento do niilismo como aquilo que permanece para sempre ‘à porta’, nem dentro nem fora, nem presente nem ausente, nem do passado nem do futuro, nem ameaçador nem promissor, mas espectral, aterrador e ácido²⁹.

Destarte, a incomoda visita desse malquisto hóspede permanecerá, pois a razão, em seu reinado, olvidando de sua posição de ferramenta para a sobrevivência humana, delibera o ser humano a negar a si mesmo, embora eventualmente conceda à humanidade algumas soluções.

5. Considerações Finais

Nietzsche, na condição de homem do seu tempo, percebeu toda a dinâmica do niilismo que marcou profundamente a história, sobretudo a contemporaneidade. Por isso, Nietzsche, na condição de um homem perspicaz, não vaticinou uma nova etapa na vida humana, mas sim apontou perspectivas e, à luz do seu período histórico, mapeou o firme propósito humano de se inclinar para o nada ao invés de se estagnar completamente. Nesse processo, o ser humano declinou para a negação da instintividade e da própria vida. Sendo instigado à vontade de servilizar no ato de querer conceituar, negando as diferenças existentes nas coisas, bem como à vontade de dominar rastreada

²⁸ (Charles, 2005, p. 182-183).

²⁹ (Weller, 2011, p. 38). No original: “Nietzsche’s thought in all its variability points towards a thinking of nihilism as that which remains forever ‘at the door’, neither inside nor outside, neither present nor absent, neither of the past nor of the future, neither threatening nor promising, but spectral, haunting, limonoid”.

no uso da paz para o fito bélico e, num paradoxo, por meio de sua obsessão beligerante legou uma solução para a crise alimentícia. Tudo isso conduzido pela razão, a qual levou o ser humano à vontade servilizar e à vontade de dominar inscritas na vontade de poder.

Referências

- BEISER, Frederick. **The fate of reason. German philosophy from Kant to Fichte.** Cambridge/ London: Harvard University Press, 1987.
- CARVALHO, Marcelo; FREZZATTI JÚNIOR, Wilson Antonio (organizadores). **Nietzsche.** São Paulo: ANPOF, 2015. 456 p. – (Coleção XVI Encontro ANPOF).
- CHARLES, Daniel. **The rise and fall of Fritz Haber, the nobel laureate who launched the age of chemical warfare.** New York: Harper Collins, 2005.
- FERREIRA, António Gomes. Nihil. In: FERREIRA, António Gomes (organizador). **Dicionário de Latim-Português.** Porto: Editora Porto, 1997, p. 766.
- HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991.** Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOFFMAN, Paul. **Asas da Loucura: A extraordinária vida de Santos-Dumont.** Tradução de Marisa Motta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- JACOBI, Fr. Heinrich. Carta de Jacobi a Fichte sobre el nihilismo. Trad. Vicente Serrano. In: **Anales del Seminario de Historia de la Filosofía**, 12, p. 235-263. Servicio de Publicaciones UCM, Madrid, 1995.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche.** Tradução de Oswaldo Giacóia Júnior. São Paulo: ANNABLUME, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **A genealogia da moral: uma polêmica.** Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **A vontade de poder.** Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro.** Tradução de Paulo César de Souza. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Ecce Homo.** Tradução de Artur Morão. Covilhã: Luso Sofia, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Fragments posthumes: Automne 1885 - automne 1887.** Traduits de l' allemand par Julien Hervie. Paris: Editions Gallimard, 1978.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo.** Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich W. Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral. In: MARÇAL, Jairo. **Antologia de textos filosóficos. Curitiba: SEED – PR, 2009, p. 530-541.**
- PASCHOAL, Antonio Edmilson. Entre a verdade e o impulso à verdade: apresentação ao ensaio de Nietzsche “sobre verdade e mentira o sentido extra-moral. In: MARÇAL, Jairo. **Antologia de textos filosóficos. Curitiba: SEED – PR, 2009, p. 516-529.**
- PASCHOAL, Antonio Edmilson Nihilismo e ressentimento na terceira dissertação da genealogia da moral. In: **Revista Sofia**, v.8, n.2, p. 219-231, jul./dez. 2019.
- PECORARO, Rossano. **Nihilismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

- REGINSTER, Bernard. **The Affirmation of Life: Nietzsche on overcoming nihilism.** Cambridge/ London: Harvard University Press, 2006.
- SCHOPENHAUER, Artur. **O mundo como vontade e como representação, 1º tomo.** Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- TONGEREN, Paul Van. **Friedrich Nietzsche and european nihilism.** Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2018.
- TURGUÊNIEV, Ivan. **Pais e filhos.** Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- VOLPI, Franco. **O niilismo.** São Paulo: Loyola, 1999.
- WELLER, Shane. **Modernism and nihilism.** London/ New York: Palgrave Macmillan, 2011.

Recebido em: 30/09/2023

Aprovado em: 14/03/2024